

BRITO BROCA, ARQUEÓLOGO: A DIGNIDADE DO DETALHE

FRANCISCO FOOT HARDMAN
Universidade Estadual de Campinas

Os escritos de Brito Broca, marcados em grande parte pelo espaço-tempo descontínuo do jornal, pela rapidez relampejante de uma coluna, pela forma divagadora e não-sistemática do ensaio, pela contaminação quase irrefreável do discurso da crítica pelo leitor-cronista confessional, constituem, de toda maneira, exemplo notável de sensibilidade historiográfico-literária voltada antes para o registro obsessivo de indícios, de sinais anunciadores da aparição e desaparecimento dos artefatos da cultura, do que para a tentativa de compreensão mais abrangente dos processos textuais/contextuais e sua possível hierarquização teórico-analítica.

Nessa arqueologia algo arcaica para os costumes universitários modernos, o mais valioso e significativo dos signos talvez seja a própria materialidade do livro, como objeto de inteligência e de precário combate ao tempo, e que é salvo pelo leitor-cronista em momento que antecede sua classificação nos anais de alguma tradição científica ou escola estética. Livros bons e belos porque raros, porque redescobertos em catálogos fora de uso de seções desfrequentadas de bibliotecas ou sebos de segunda mão, olhar que se desvia no horizonte da margem esquerda do Sena, para além do pequeno achado na estante de rua do *bouqueniste* parisiense, como na bonita foto que inspirou o cartaz deste Seminário. Daí seu gosto por aparentes quinquilharias, jornais e autores de província, revistas velhas e avulsas, folhetos de que ninguém se lembra mais.

Não há dúvida de que, ao mesmo tempo, Brito Broca trabalha com categorias consagradas do gosto e da periodização convencional da história literária. Assim, refere-se com naturalidade às diversas "fases" de uma pressuposta "evolução da literatura", bastando que se confira, a propósito, o ensaio que esboçou para a abertura da bibliografia crítica de Galante de Sousa (Instituto Nacional do Livro, 1962), inserido no volume *Ensaio da mão canhestra* de suas Obras Reunidas (1981). Ali, aparecem, sem mais, os recortes de períodos já dados e grafados em caixa alta como Romantismo, Pré-Modernismo e Modernismo, ou as fases Realista, Naturalista e Simbolista, justamente num texto que, fugindo bastante à regra da produção mais frequente de Brito Broca, pretendia-se síntese panorâmica e globalizante, mais para apresentação ordenadora de memória cristalizada do que para crônica incidental de detalhes esmaecidos. Muito embora, neste como em outros textos, o estudioso por excelência da vida literária acabe traindo a incorporação de certos esquemas, clichês e modos convencionados na sedimentação do valor produzido por leituras precedentes, seu enfoque predominante se faz na busca de desvios, no desejo de conferir dignidade epistemológica a cada detalhe posto, a cada pista aproximada.

Mas será que essa escavação de cenas singulares -- vale notar que Brito

Broca revela-se cronista e memorialista invulgar, flagrando instantes de alta densidade lírica, grandeza do olhar romântico em fixar o que a civilização atropela e enxota, em muitas páginas desses **Papéis de Alceste** ou do admirável manuscrito de **Quando havia província**, que Francisco de Assis Barbosa em boa hora organizou no volume **Memórias** (1968) --, será, repito, que essa localização paleontológica de textos-fósseis, esse inventário de ambientes letrados extintos, de rastros culturais quase apagados, será que tal esforço vale a pena, iluministicamente pensando, ou será, bem ao contrário, que tudo não passa de um museu de curiosidades mortas, de capricho obcecado de amigos, do "vício impune" de nossas vidas ociosas, de variedades amenas em torno de um mesmo e antigo impressionismo? Em outras palavras, trazendo a questão para o estado presente: vale a pena reunir esses lampejos dispersos de Brito Broca, republicá-los em roteiro menos aleatório, ou não seria melhor, enfim, deixá-los amontoar em prateleiras inertes de arquivo, como fontes primárias de maníacos do futuro?

Permito-me recorrer, aqui, a alguns exemplos tomados arbitrariamente ao sabor de leitura, ela também algo errática e duvidosa, para sugerir a imensa fertilidade historiográfico-cultural dos textos de Brito Broca, a relevância insubstituível do chamado menor indício em qualquer trabalho de revisão crítica, ainda mais em se tratando da história/brasileira, construída preferencialmente sob a égide da rigidez de modelos genéricos e menos sobre base documental consistente.

Para ficar no clássico ensaio **A vida literária no Brasil - 1900**, manancial de pistas aparentemente inesgotável, seria desnecessário insistir nas referências preciosas que traz em torno das relações da literatura pré-modernista com jornais e revistas da época, tema hoje já bastante percorrido, mas que teve neste livro de Brito Broca, cuja primeira edição data de 1956, momento pioneiro de afirmação, com indicações certeiras sobre a profissionalização jornalística de escritores parnasianos como Coelho Neto, Olavo Bilac e Medeiros e Albuquerque, a importância gráfica e literária de revistas como **Kosmos**, no Rio, e **O Pirralho**, em São Paulo, ou mesmo os elos culturais de periódicos de cunho nacional, como **Revista Americana**, ou interiorano, como esse obscuro jornalzinho de Pindamonhangaba, **O Minarete**, espaço primordial nas carreiras literárias de Monteiro Lobato e Godofredo Rangel¹.

Nesta obra, Brito Broca não só trouxe para a primeira cena da história literária escritores até então pouco valorizados, como no caso exemplar de João do Rio, mas foi capaz de preencher mosaico vivo de personagens e experiências que viraram quadro absolutamente notável em qualquer reconstrução histórico-cultural daquele período. Assim, as evidências que recolheu, antes dispersas, tornam-se passagem documental obrigatória a cada nova incursão ao 1900 da literatura no Brasil. Penso que não seria temerário, mas antes questão de justiça, atribuir a este ensaio tão luminoso o mérito de ter surgido como uma das primeiras grandes contribuições à necessária revisão do denominado pré-modernismo. Lembremos, ainda, a esse propósito, as pertinentes indicações que ali faz sobre as ressonâncias dos movimentos socialistas e anarquistas na literatura brasileira, a proliferação de certo "anarquismo puramente literário", com fundo tolstoiano, na prosa de ficção e na poesia; as linhas cruzadas precursoras que estabelece entre política de reforma urbana e crônica literária, mediante representações sobre a figura do prefeito do Rio, Pereira Passos, vulgo "O Bota-Abaixo"; ou as informações inteiramente inovadoras que lança, no apêndice final, sobre as origens literárias do cinema brasileiro, sempre atento às relações entre progresso técnico e fantasia escrita².

Sobre este último ponto, os exemplos são inúmeros. Num dos livros sem dúvida mais sugestivos da série **Obras Reunidas -- Românticos, pré-românticos e ultra-românticos: vida literária e romantismo brasileiro** --, o artigo que encerra o

volume estabelece, justamente, "um elo entre o teor da vida no século passado, no período romântico, e os meios de transportes urbanos no Brasil imperial", através de referências a obras de ficção dos anos 1830-1870. O texto chama-se "Vitórias, trilburis, ônibus e bondes" e reúne três crônicas de 1960 saídas em *A Gazeta*³. O espanto dos personagens ante mecanismos em movimento, relatado pelo arqueólogo de passagens perdidas, nesse tom algo melancólico e nesse vínculo fantasmagórico entre veículos noturnos, mistério e monstruosidade, tão caro à percepção romântica e, depois, naturalista, equivale ao mesmo sentimento confessado pelo cronista noctívago de "Altas horas", que assinava Alceste, quando o último bonde se lhe afigura "um monstro no silêncio das ruas abandonadas". Se no flagrante de outra crônica dos mesmos **Papéis de Alceste**, "O luar", tinha-se a imagem-símbolo romântica enquadrada da janela de um edifício da Cinelândia, e o cronista se perguntava pela veracidade de seu lirismo ante os escombros da guerra e o tráfego urbano, a lua feérica surgindo como consolo fugaz para os homens, em "Altas horas" estamos diante de visão fugidia da metrópole, o concerto da linha do bonde desencadeando projeções de fantasmagoria:

"Ao redor de algumas luzes vermelhas movem-se silhuetas estranhas. Há baques de trilhos, ruídos de corrente, entrechoques de barras de ferro. Na rua esfumada de bruma aqueles vultos parecem um bando de almas penadas expiando os crimes que cometeram na terra.

O frio gela-nos o rosto e as mãos. Os trabalhadores, com trapos de lã pelo pescoço, manejam as picaretas em brados ritmados. São velhos de barba crescida e feições endurecidas, pretos de olhares soturnos, rapazes transfigurados pelos clarões que lhes recortam as figuras.

Assombrações da noite urbana!...

(...)

*Afinal a campainha soa e o veículo abala, novamente, em disparada. Na bruma espessa desaparecem como por encanto os vultos dos trabalhadores. Só nos acompanham os reflexos da solda-autógena, clarão fantástico que é o próprio espectro da cidade a galopar pelo céu..."*⁴

Brito Broca, neste e em outros textos e temas que privilegia, parece estar finalmente antenado para com a perda irreparável de coisas, paisagens, personagens, estados e laços afetivos no tempo avassalador da civilização moderna. Sua voz teima em trair filiação romântica, se se quiser, mas uma espécie muito elaborada de romantismo, sem resvalar nem para o sentimentalismo passadista nem para o grito egótico desesperado, calcando-se numa prosa que se revela melhor em lúcida melancolia, transformando a solidão noturna do andarilho urbano em disponibilidade para iluminações que dão a conhecer signos de todos os excluídos do mundo, o mal de estar à margem sendo também a ponte que inaugura essa poética das coisas extintas, essa geografia de lugares desejados mas de acesso impossível, mapa cujos pontos não se ligam, vindo só, porém, sinalizar ruínas. Isso tudo numa escrita nada derramada -- antes direta, elegante e comedida.

Essa atmosfera se espalha, a meu ver, pelos textos de Brito Broca. Está lá de novo este desencontrado Alceste, cronista infatigável de olho no depósito de achados & perdidos da civilização, assinalando com tristeza a decadência da filatelia entre crianças e adolescentes, lamento que se entrecorta com a lembrança arrependida da má troca que fizera, na infância remota, de sua própria coleção de selos

por um álbum de figurinhas de futebol⁵. Vem cá o memorialista a recordar as antigas pantomimas circenses hoje em desuso, modalidade teatral que trata com a maior dignidade, tema recorrente nas **Memórias** da cidade natal, ao qual se encaixava seu amor pelos palhaços, recortados de seu iminente anonimato com a mesma desprendida grandeza que dispõe para comentar autores e obras consagradas. Quando lia, encantado, fragmentos como esses, fiquei pensando: quem de nós, aqui na universidade, teria ainda a ingênua e engenhosa percepção literária para emergir no mar grosso da linguagem com texto tão cristalino e despojado, nessa sua sabedoria da concisão, com este belo manifesto intitulado simplesmente "Palhaços"⁶?

Ao elogiar a arte clownesca de Alcebades, Benjamin, Tapioca, Chincharrão e, em especial, o Piolin (Abelardo Pinto), artistas sem sucessores, modalidade de dramaturgia popular em processo, ela também, de extinção, Brito Broca não só repassa o velho clichê do "Ridi Pagliaccio", mas, sem deixar cair a bola em terreno propício ao pieguismo, dá um toque exemplar -- exemplo de crítica fina -- no modo de apropriação da chamada "arte popular" pelo movimento modernista. Referindo-se a almoço histórico que os escritores do Clube de Antropofagia ofereceram a Piolin, no restaurante Mappin Stores, em São Paulo, em março de 1929, "uma das mais expressivas homenagens (a) que podia aspirar um palhaço no Brasil", registra o autor da crônica:

"Piolin seria 'comido' pelos antropófagos. Segundo a idéia corrente entre os selvagens de que as qualidades do índio passavam para aqueles que o devoravam, esse repasto antropofágico correspondia, no seu carácter simbólico, a uma verdadeira consagração."

Mas, cioso dos sinais daquilo que o tempo encobriu, adverte o cronista:

*"O almoço, festa memorável e muito comentada, marcou uma data do Movimento Modernista, embora houvesse discursos como nos banquetes dos passadistas e nenhum 'antropófago' bebesse cauim. Mas Piolin não fundou companhia (teatral), nem foi para o palco: sua voga literária passaria, a exemplo de outros cartazes modernistas."*⁷

As pistas deixadas pelas explorações textuais de Brito Broca revelam-nos, prioritariamente, em diferentes contextos literários e épocas históricas, a urgência de perseguir rastros de personagens quando saindo de cena, afastados do picadeiro da representação livresca, notícias do exílio em relação a movimentos politico-culturais triunfantes, derradeiras pegadas antes da completa desapareição. Por que tais vestígios devem ser sinalizados de modo exaustivo e urgentíssimo? Os que reconheceram a morte de perto, dizem, têm pressa. Porque, parece-nos sempre responder o autor, a civilização técnica é inimiga da memória; porque, afinal, nossas próprias imagens correm perigo de se extinguirem rapidamente; porque ninguém garante que os rastros deixados por esta cultura em alguma página pálida, sobrevivam. Que sejam, ainda, daqui a algum tempo, identificáveis.

Voltando, mais uma vez, ao enciclopédico mosaico de sugestões generosamente transmitidas pelo autor em **Românticos, pré-românticos, ultra-românticos**, podemos lembrar de suas incursões ao tema dos naufrágios, tão em voga no século XIX, tentando rastrear, através de livrinho quase clandestino, o acidente marítimo que vitimou Manuel Antônio de Almeida, artigo em cujo desenvolvimento ganha realce, menos o autor de **Memórias de um Sargento de Milícias** e, muito mais, o navio em que fazia a fatídica viagem e que serve de título ao opúsculo descoberto por

Brito Broca e igualmente à crônica daí escrita: "O naufrágio do vapor **Hermes**"⁸. Ou, então, a vivacidade com que percorre a crucial temática das relações entre romantismo, revolução e desterro político no século XIX, dando-nos notícia das incríveis peripécias do obscuro poeta pernambucano Natividade Saldanha no exílio, em Paris, após a repressão à Confederação do Equador de 1824 pelo governo imperial: a partir de investigações historiográficas originais do escritor Alberto Rangel, recuperadas em bom tempo por Brito Broca, fica-se a par dos fios que aproximavam a diplomacia brasileira da polícia francesa e que Natividade, embora ao que parece mau poeta, era mestre na arte de escafeder-se, sem perder nunca a chance para fazer agitação e brincar. Condenado à morte no Brasil, o poeta envia, da Venezuela (para onde fora depois de fugir de Paris e Londres), carta a um amigo concedendo-lhe procuração para se deixar fuzilar em seu lugar⁹. Gosto pelo detalhe, que às vezes beira o anedotário, sem perder no entanto o pé; gosto pelo detalhe, sim, que converte esses inventários brito-broncanianos em imensa e fértil armação -- na perspectiva de uma história cultural -- como poucas vezes se tem montado.

Para concluir, ficarei num exemplo que me instigou bastante, em torno das entradas de leitura que Brito Broca realiza sobre escritor consagrado, grande autor enfim, fugindo aparentemente daquela que seria sua tônica preferida, reencontrando-a, porém, afinal, pelo modo e temário com que trabalha. Quero reportar-me a alguns artigos de Brito Broca sobre Euclides da Cunha. Na falta de maior espaço e tempo, faço somente as seguintes anotações:

1-) Em "Uma página de Euclides", coluna assinada pelo nosso já conhecido Alceste em 9-10-1945 n' *A Gazeta* (e que permaneceu fora dos seus "Papéis" agora editados; a revista **Dom Casmurro** republicou-a em maio de 1946), o cronista recupera do esquecimento completo a que estivera relegado "nas páginas da velha revista" **Kosmos**, de outubro de 1908, o bellissimo e decisivo conto-crônica de Euclides, "Numa volta do passado", até então inédito em livro (havia reaparecido apenas na **Revista do Gremio Euclides da Cunha**, em agosto de 1918), e que, em boa parte talvez, somente graças a esse esforço arqueológico de Brito Broca, tenha chegado a ser inserido nas *Obras Completas euclidianas* da Aguilar (1966) e, mais recentemente, na antologia organizada por Walnice Nogueira Galvão para a Editora Ática (1984);

2-) No artigo "Uma amizade famosa: Euclides da Cunha e Francisco Escobar" de 19-08-1951 (suplemento **Letras e Artes de A Manhã**) retorna-se ao tema, caro em Brito Broca, da amizade literária. Aqui, Euclides vira pano de fundo e Escobar, o esquecido, rouba a cena. Brito Broca destaca, a partir de referências colhidas em Francisco Venancio Filho, o elo intelectual indispensável que o advogado socialista e bibliófilo de São José do Rio Pardo representou nos bastidores eruditos da confecção de **Os sertões**. E conclui:

*"É justo, portanto, que à glória intangível de Euclides se ligue a lembrança do coração generoso que por detrás dela se apagou"*¹⁰.

3-) A 31/05/1952, Brito Broca assina, n' *A Gazeta*, o artigo "Euclides da Cunha e o vale do Paraíba", em que, apoiado em pesquisas monográficas dos autores locais Antonio da Gama Rodrigues e Alves Mota Sobrinho sobre a fase do engenheiro-escritor vivida na cidade de Lorena¹¹, retoma o tema das cidades mortas em Euclides, a partir da citada narrativa "Numa volta do passado" e, também de "Entre ruínas" (crônica incluída em **Contrastes e Confrontos**, 1907), traçando sugestivo paralelo

entre essa vertente euclidiana e as obras **Urupês** e **Cidades Mortas** de Monteiro Lobato. Avança a seguinte hipótese:

*“(...) porque o certo é que o realismo de Lobato deriva diretamente do de Euclides. E quero crer, mesmo, que grande parte de **Urupês** e as imagens das **Cidades Mortas** saíram de “Entre ruínas”. O fundo polêmico do realismo de Lobato -- essa intenção da denúncia, do protesto -- parece-me de origem essencialmente euclidiana. Apenas, em Lobato havia um satírico; em Euclides, um tribuno. O primeiro, ria; o segundo emocionava-se ou apostrofava como um vingador”¹².*

4-) Em **A vida literária no Brasil - 1900**, Brito Broca fala muito da agônica dualidade metrópole **versus** selva em Euclides, na fase pós-**Sertões**, tendo por fonte básica a correspondência reunida por Francisco Venâncio Filho. Mas outra fonte formidavelmente pertinente do ensaísmo crítico de Brito Broca é sua própria imaginação. Visualiza, assim, como seria a inevitável viagem de Euclides à Europa, se mais visse (este cogitara, um tanto evasivamente, em 1908, em carta ao amigo Alberto Rangel, então na França, de vir a lecionar, um dia, História sul-americana em Paris):

“É possível que, diante do Sena a rolar mansamente em linhas clássicas, se lembrasse com nostalgia da majestade bárbara do Amazonas, em cujas águas navegara um dia; mas não lhe ocorreria estabelecer paralelos quantitativos, como acontece com tantos viajantes. Saberá melhor do que ninguém que, entre a Europa e o continente americano, o que existe, acima de tudo, são diferenças qualitativas. As diferenças tão bem definidas por Gilberto Amado na fórmula: densidade e tenuidade.”¹³

5-) Tanto em **A vida literária...**, como no artigo incluído em **Pontos de referência** (1962), intitulado “Euclides da Cunha - realista e romântico”¹⁴ e tão bem analisado neste mesmo Seminário por Antonio Arnoni Prado, nós reencontraremos, em várias passagens, ecos, pedaços, refusões das primeiras crônicas acima citadas. Neste último ensaio, Brito Broca pesquisa o romantismo euclidiano chegando ao universo intacto, pela crítica, de suas poesias. Fixa-se no poema “Tristeza”, onde reconhece traços de Casimiro de Abreu e Alvares de Azevedo; e, sobretudo, nos expressivos versos da poesia “As catas”, escrita em 1895, em Campanha, Minas Gerais, sobre a ruína das paisagens do antigo ciclo da mineração e dedicada pelo autor, posteriormente, a Coelho Neto. Ali Brito Broca localiza a presença do tema romântico da oposição campo/cidade:

*“Que outros adorem vastas capitais
Aonde, deslumbrantes,
Da indústria e da Ciência as triunfais
Vozes se erguem em mágico concerto;
Eu não; eu prefiro antes
As catas desoladoras do deserto,
Cheias de sombra, de silêncio e paz...*

*Eu sei que à alma moderna -- alta e feliz,
E grande, e iluminada,
Não pode sofrer estes febris*

*Assomos curiosos que a endoidecem
De ir ver, emocionada,
Os milagres da indústria em Gand ou Essen,*

*Não invejo, porém, os que se vão
Buscando, mar em fora,
De outras terras a esplêndida visão...
Fazem-me mal as multidões ruidosas
E eu procuro, nesta hora, Cidades que se ocultam majestosas
Na tristeza solene do sertão.”¹⁵*

Vale voltar, afinal, ao conto-crônica “Numa volta do passado”. Nele, o narrador-autor, “num dos lances desta minha engenharia andeira”, em 1903, chega, numa noite, a um “decaído sítio” perto da cidade morta de Silveiras. Seu dono, o “capitão” Antonio Pinto da Silveira, surge como segundo narrador, velho contador de histórias. O cenário apresenta-se arruinado. O cronista passa da narrativa de sua estranha visita noturna ao relato desfiado pelo velho, que evoca cena ocorrida oitenta anos antes, em 1822, esclarecendo-se, pouco a pouco, episódio da passagem, pelo mesmo sítio, de uma “comitiva romântica”, “esquadrão fantástico”: o recém-proclamado imperador D. Pedro I, “na volta gloriosa do Ipiranga”. O mito de fundação da história nacional ressurgiu, assim, como lenda quase perdida “entre os rumores indefinidos da noite”, melancolicamente memorável num ambiente deveras caldo.

A narrativa, nos dois tempos em que se desenrola, é ritmada pelas batidas de um monjolo algo mal-assombrado. São três momentos decisivos. A cada pancada do mecanismo, uma volta no parafuso do tempo, círculos concêntricos sempre tristes e assustadores. Assim, primeiramente, na entrada do narrador no sítio:

*Transpus estreito pontilhão sem guardas sobre um córrego entupido
de tábuas, ao compasso martelante de um monjolo, que se não via,
muito embaixo no grotão mascarado de inhames bravios e sororocas.”*

Segunda passagem, segunda marcação de tempo, quando o velho inicia a invocação daqueles “vultos singularíssimos de uma cavalgata de redivivos”, figuras sem contorno, memória desbotada mas capaz de produzir o encanto ao restaurar aquela “antiga e maravilhosa realidade:

*“(...)e minutos depois achei-me, de improviso, ali, naquela beira de
caminho desfrequentado, à margem da nossa história. E lá me fui numa
viagem maior e mais indefinida, pelos tempos em fora, sem notar a
tardeza das horas a escoarem-se vagorosamente, ao compasso das
pancadas tristonhas do monjolo batendo, fora, ao longe, à surdina, na
noite...”*

Terceira e derradeira passagem: no final da narrativa, após a “cena instantânea” da aparição/desaparição da comitiva imperial, o ruído decrescente do tropel dos cavalos, a crônica encerra-se com um último registro do tempo assinalado, chave do enigma da memória e da escrita ante as ruínas da história:

*“Fora as pancadas monótonas do monjolo soavam entristecedoramente; e figuraram-se-me as de um pêndulo invertido, que marcasse um recuo misterioso do tempo, batendo todos os segundos atrasados de um século desaparecido.”*¹⁶

Euclides fez, assim, dessa crônica sobre o poder encantatório da memória narrada, metáfora do envelhecimento precoce da nação. Brito Broca, se não me engano, foi quem a de fato salvou do soterramento cultural a que havia sido condenada. Só mesmo a arqueologia para restituir essa rede de significados entre literatura, memória e história. Euclides anteviu, antes de cada desastre, a poeira triste de mundos extintos. Brito Broca não se deixou abater pelas batidas do moinho-fantasma. Homens de sua estirpe são antes amigos da beleza e da memória. Colecionou, vida inteira, com a maior dignidade, milhões de detalhes que, se escaparam do mundo, imprimiram-se em alguma tipografia de província, dando sinais dessa bela, complicada e triste prosa que se lembra e se esquece, que se grava e se apaga. E assim foi. E assim fez ele do Inventário de cada ruína oculta a revelação de nossa precaríssima modernidade.

NOTAS

1. B. Broca, **A vida literária no Brasil - 1900**, 3ª. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1975, cap. XIX, pp. 216-41.
2. Id., *ibid.*, pp.116-19 e notas nº 1 e nº 3 do Apêndice (pp.277-81 e 289-91).
3. B.Broca, **Românticos, pré-românticos e ultra-românticos: vida literária e romantismo brasileiro**, São Paulo/Brasília, Polis/INL, 1979, pp. 333-39.
4. B.Broca, **Papéis de Alceste**, Campinas, UNICAMP, 1991, pp.132-33; cf. “O luar”, p.127.
5. Id. *ibid.*, pp. 101-02.
6. Artigo de jornal separado por Alexandre Eulalio para integrar o volume VIII das Obras Reunidas de B.Broca: **Escrita e vivência**. Cf. Acervo Brito Broca, CEDAE/IEL/UNICAMP. Embora ainda inédito, reconhecemos nesta crônica -- experiência comum na leitura de nosso arqueólogo -- fragmentos familiares de várias passagens de **Memórias** (1968) e **Papéis de Alceste** (1991).
7. “Palhaços”, art. cit.
8. B.Broca, **Românticos...**, op. cit., pp.228-30.
9. Id. *idib.*, pp. 46-8. O episódio foi recuperado por Alberto Rangel em **Textos e pretextos** (1926).
10. B.Broca, “Uma amizade famosa: Euclides da Cunha e Francisco Escobar”. **Letras e Artes** (Supl. **A Manhã**), Rio de Janeiro, nº 220, 19-08-1951. Este artigo é quase integralmente reproduzido e incorporado no texto de **A vida literária...**, op. cit., pp. 194-96: trata-se do cap. XVII, sobre amizades e inimizades literárias.

11. Cf. Antonio da Gama Rodrigues, **Euclides da Cunha, engenheiro de obras públicas no estado de São Paulo**, São Paulo, 1956; Alves Mota Sobrinho, "Euclides da Cunha em Lorena". **Letras e Artes** (Supl. **A Manhã**), Rio de Janeiro, nº 262, 07-09-1952, p.2 e p.10. Curioso: em artigo posterior, B. Broca confessa ter perdido, descuido nele raríssimo, a data e indicação do jornal em que saiu o texto de Mota Sobrinho, conservando, no entanto, ainda, seu recorte.

12. B. Broca, "Euclides da Cunha e o vale do Paraíba". **A Gazeta**, São Paulo, 31-05-1952. O mesmo trecho é retomado e ampliado na argumentação final do ensaio de B. Broca, "Euclides da Cunha -- realista e romântico", incluído em **Pontos de referência** (Rio de Janeiro, MEC, 1962, pp.91-8). Procedimento corriqueiro em nosso autor, convém comparar: "(...) porque tudo indica que o realismo de Lobato derivou diretamente do de Euclides, de quem o escritor paulista se mostrou, desde cedo, o mais fervoroso admirador. Quero crer mesmo que grande parte de **Urupês** saiu de "Entre ruínas" (1902). E que é famoso artigo "Velha praga", publicado n' **O Estado de S. Paulo** que constituiu o início da carreira de escritor de Monteiro Lobato, senão a reprodução, com outras palavras, da página de Euclides "Fazedores de desertos" (1901), incluída, como "Entre ruínas", no livro **Contrastes e confrontos?** Dirão que o artigo de Lobato nascera de uma experiência pessoal: fazendeiro presencava ele as queimadas em torno de suas terras, revoltando-se contra essa estúpida rotina. Mas talvez não lhe viesse a idéia de escrevê-lo, se já não conhecesse, como devia, naturalmente, conhecer a página de Euclides. É de notar-se ainda ter ele revelado sobre os males acarretados pelas queimadas uma informação que parece haver sido haurida no libelo de "Fazedores de desertos". No fundo polêmico de Lobato, julgo também distinguir aquele tom de denúncia e protesto, característico da obra euclidiana. Apenas, em Lobato havia um satírico; em Euclides, um tribuno. O primeiro caricaturava; o segundo emocionava-se e apostrofava, como um vingador." (Art. cit., pp. 27-8). Olímpio de Souza Andrade, na Introdução à edição da Cultrix/INL de **Contrastes e confrontos**, retoma e reforça esse argumento original de B. Broca (cf. "Nota à margem do **Contrastes e Confrontos**", São Paulo/Brasília, 1975, pp. 13-5).

13. **A vida literária...**, op. cit., p.101. Essa crônica imaginária, na verdade, retoma texto anterior de B. Broca: "Euclides da Cunha e Paris", **A Gazeta**, São Paulo, 11/12/1952.

14. Na verdade, este pequeno brilhante ensaio reunido em **Pontos de referência**, op. cit., é a reprodução, com ligeiras modificações, do artigo quase homônimo publicado no **Boletim do MEC**, Rio de Janeiro, nº 18, julho/1959, pp.24-28, a não ser pelo "romântico e realista" no lugar de "realista e romântico", inversão de ordem no subtítulo a sugerir esse terreno ambíguo da transição, cuja complexidade feita de múltiplas passagens a explorar, como bem acentuou Luiz Dantas neste Seminário, muito encantava Brito Broca.

15. Apud **Pontos de referência**, art. cit., pp. 93-4. Confrontado com Euclides da Cunha, **Obra Completa**, Rio de Janeiro, Aguilar, 1966, v. I, pp.652-53. B. Broca anota que o original desse poema encontra-se na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, o que ainda é verdade. Com efeito, as diferenças de transcrição nas edições citadas são notáveis, bem como entre estas e o manuscrito.

16. Euclides da Cunha, "Numa volta do passado". In: Walnice Nogueira Galvão (org.), **Euclides da Cunha**, São Paulo, Ática, 1984, pp.202-06.